

## Artigo original

### ARTETERAPIA E AS DEUSAS: UM RECURSO PARA MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR.

### ARTETHERAPY AND THE GODDESS: A RESOURCE FOR WOMEN IN THE SITUATION OF INTRAFAMILY VIOLENCE

Bruna Monteiro Correard<sup>8</sup>

Elisabete Cristina Carmio Beltrame<sup>9</sup>

#### RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de apontar aspectos conceituais e práticos sobre uma intervenção realizada com sete mulheres de idades entre vinte e seis e cinquenta e quatro anos, em situação de violência intrafamiliar, atendidas por uma instituição do Terceiro Setor de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Foram realizadas vinte oficinas arteterapêuticas semanais no período de cinco meses, utilizando-se dos recursos mitológicos: as deusas gregas. A escolha do referencial teórico se justifica pelo intuito de ampliar os recursos de enfrentamento das vulnerabilidades e fortalecimento da autoestima, através da relação simbólica com as figuras arquetípicas. Os resultados sugerem que foi possível às participantes o reconhecimento de suas necessidades e potencialidades.

**Palavras-chave:** Mulheres. Violência Intrafamiliar. Arteterapia. Mitologia Grega. Deusas. Psicologia Analítica.

#### ABSTRACT

The objective of this study is to identify conceptual and practical aspects of an intervention with seven women aged between fifty - four and twenty - six years, in situations of intrafamily violence, attended by a Third Sector institution from a city in

---

<sup>8</sup> Graduada em Psicologia (UNIP), pós graduada em Psicologia Jurídica (Sedes Sapientiae) e Arteterapeuta (NAPE). Atuação com políticas públicas e interface com a justiça.

<sup>9</sup> AATESP (221/081) Professora nos cursos de Pós graduação em Arteterapia NAPE- São José dos Campos e Integrarte – Belo Horizonte; Graduada e Mestre em Psicologia pela USP

the interior of the State of Sao Paulo. Twenty weekly workshops were held in the five-month period, with art therapy activities and the goddesses of Greek mythology. The choice of the theoretical framework is justified by the intention of expanding the resources of coping with vulnerabilities, through the relationship with archetypal figures. The results suggest that participants were able to recognize their needs and potentialities.

**Keywords:** Women. Intrafamily Violence. Art therapy. Greek mythology. Goddess. Analytical psychology.

## **Introdução**

Este artigo relata uma proposta de intervenção com mulheres em situação de violência intrafamiliar, que se utiliza de atividades sobre as deusas da mitologia grega, através de técnicas de arteterapia com base na Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung.

A Arteterapia é um recurso que favorece a simbolização no processo terapêutico de grupos e indivíduos, sua utilização ocorre através de atividades com técnicas diversificadas, como desenhos, pinturas, construções de objetos e expressões de diferentes formatos que permitam trazer à consciência aspectos inconscientes da psique.

As técnicas de intervenções escolhidas foram relevantes ao fortalecimento da autoestima e, conseqüentemente, ao enfrentamento das dificuldades mediante a situação de vulnerabilidade social, possibilitando que além do enfrentamento, o olhar simbólico destas mulheres se voltasse a si mesmas como sujeitos de direitos.

Considerando a vulnerabilidade social da população que participou deste estudo, o arquétipo das deusas gregas possibilita a produção de símbolos associados à força feminina, influenciando a promoção de uma ação, e esta ação pode ser transformadora.

Segundo Diniz (2015), o recurso de técnicas com deusas da mitologia grega, de referencial da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, favorece o encontro das mulheres com arquétipos e símbolos presentes na macro cultura, ou seja, com um conjunto de padrões de comportamento comuns e conectados através do inconsciente coletivo.

Ainda de acordo com a referida autora, entrar em contato com este arsenal de estímulos favorece a conscientização das potencialidades de si mesma, com a introjeção de características simbólicas oriundas dos arquétipos das deusas, além de ser um elo de acesso à essência da mulher (Diniz, 2015).

A importância da vivência da Arteterapia com mitologia grega e os arquétipos da deusa também é descrita por Bernardo (1999) apud (Bernardo, 2013, p. 219), “[...] A energia liberada e movimentada nesse processo pode ser então canalizada em direção a novas formas de ser-no-mundo, de posicionamento e relacionamento”.

### **Violência de gênero**

Ao abordar a violência contra mulheres, se faz crucial uma reflexão sobre gênero, este é considerado uma construção social e relacional. Historicamente, as mulheres foram tratadas como inferiores, com poucas possibilidades de existência além de casamento, maternidade, recato sexual etc. Ainda que a contemporaneidade e os movimentos sociais feministas tenham obtido conquistas a partir do século XX, até o momento atual existem muitos desafios quanto ao lugar que o imaginário social destina às mulheres no mundo. (Almeida; Nozawa; Romera, 2008).

No que se refere à violência de gênero, este conceito não se restringe somente a mulheres em situação de violência doméstica ou intrafamiliar, abrange crianças e adolescentes, violência entre mulheres e entre homens e mulheres. A terminologia engloba violência com uso de poder de uma pessoa sobre outra. Portanto, dentre as multiplicidades de violência classificadas no conceito de gênero, destaca-se a violência cometida contra as mulheres. (Araújo, 2008).

Uma das causas da violência de gênero se relaciona diretamente à cultura do patriarcado, na qual é estabelecida uma relação onde é delegado ao homem o direito de controle sobre a mulher, que é colocada na condição submissa de objeto, sendo que uma das formas de dominação é a violência física. O patriarcado exerce uma influência simbólica na representação social instituída, interfere no discurso em massa e reitera seu lugar de preponderância como uma prática legitimada na cultura (Araújo, 2008).

As transformações na sociedade - decorrentes de lutas para mudanças de paradigmas - autorizam a mulher, no discurso manifesto, a ocupar outros espaços, como a mudança da dedicação exclusiva com o ambiente doméstico para a inserção no mercado de trabalho, cada vez mais crescente entre o público feminino. Porém, a construção social de gênero simbolicamente ainda institui e mantém o discurso patriarcal dominante. Um exemplo é a atribuição de caracteres como instinto materno inato, poder exclusivo de resolução dos conflitos familiares e dedicação ao outro em detrimento de si como uma postura que atenda às expectativas da representação social sobre ser mulher.

Os impactos do imaginário coletivo sobre ser mulher na sociedade devem ser analisados de forma crítica e trazidos à compreensão de sua conexão com a

subjetividade de mulheres que buscam alternativas de enfrentamento à violência e às repressões sofridas em diversas instâncias, de modo que seja construído um espaço interventivo que priorize o autoconhecimento e a liberdade de expressão criativa como caminho de ensaio a uma ação transformadora de sua realidade.

### **Arteterapia**

A Arteterapia pode ser descrita como um processo terapêutico que se utiliza de recursos diversificados da arte, entendida como “processo expressivo”, ou seja, não há prioridade estética, técnica ou acadêmica em relação aos trabalhos criados. Através do uso de símbolos, formas e cores, as produções se tornam recursos facilitadores de contato com questões inconscientes de que se pode adquirir consciência, no que Jung nomeia de processo de individuação (Philippini, 2013).

Philippini (2013) compreende esta trajetória como um “tornar-se um ‘indivíduo’”, ou seja, o sujeito gradualmente fortalece a integração de sua psique para lidar com adversidades, fragilidades e potencialidades, o que favorece maior consciência de si, do uso de recursos internos mais eficazes à solução de conflitos, além de ampliar a percepção da interação interpessoal e seu modo de existência frente à realidade interna e externa.

No Brasil, a Arteterapia traz como referência a psiquiatra Nise da Silveira, que na metade do século XX, foi contrária aos métodos de tratamento da psiquiatria que violavam a dignidade humana. Conforme Reis (2014), Nise criou novas possibilidades no campo da saúde mental, desenvolveu um trabalho de Arteterapia com sujeitos internados em Hospital Psiquiátrico e pôde constatar em sua prática a relevância de recursos terapêuticos pautados na intervenção de Arteterapia.

Nise da Silveira analisou os símbolos presentes nos trabalhos de seus atendidos e fez uma leitura fundamentada nos mitos em seu aspecto arquetípico. Realizou seu trabalho fundamentalmente na expressão e criação livres, porém o trabalho em Arteterapia de modo mais amplo também pode ser direcionado aos objetivos e temas diretamente ligados ao caso em questão, visto que isto contribui para o processo de individuação (Reis, 2014).

Segundo Philippini (2013), a Arteterapia é um campo do saber transdisciplinar que não deve se restringir a apenas uma área de conhecimento, considerando as multiplicidades possíveis à sua prática. A Arteterapia pode ser utilizada como um recurso de fortalecimento da criatividade e de promoção de saúde nos diferentes contextos.

### **Arteterapia e as deusas gregas: um recurso terapêutico possível**

O recurso das deusas gregas se apresenta como um conjunto de padrões de comportamentos instintivos similares universalmente, ou seja, os arquétipos representam metáforas presentes no inconsciente coletivo e que se tornam facilitadores subjetivos de insights, cujo encontro com o humano permite que o sujeito se depare com sua própria essência (Diniz, 2015).

Conforme as palavras de Diniz (2015), os arquétipos das deusas são facilitadores do acesso à própria dinâmica de personalidade e polaridades, do contato com sentimentos e conseqüentemente favorecem o autoconhecimento. A autora aponta que também se caracterizam como recursos com viabilidade à transformação e diz que estas energias podem ser ativadas como potenciais em diversas situações da vida cotidiana. Porém, para isto é importante considerar alguns fatores subjetivos,

como a interação, a predisposição pessoal, a família, a cultura e o momento de vida em que cada pessoa se encontra.

Em seu estudo, Diniz (2015) apresenta revisão teórica que aponta a divisão das deusas em três grupos distintos, o primeiro grupo é o de deusas invulneráveis, o segundo grupo é de deusas vulneráveis e o terceiro grupo de deusas alquímicas. Esta divisão se pauta em agrupar as deusas que apresentem diferentes características e aspectos que têm utilidade interventiva e expressiva na vida das mulheres.

Diniz (2015) informa que as deusas do grupo de invulneráveis são Artémis, Atená e Héstita, e seus arquétipos representam por independência e autonomia. A terminologia invulnerável se remete ao fato de estas deusas não se submeterem à submissão por parte de seus pares masculinos no geral.

**Ártemis** é conhecida como a deusa da caça, seu arquétipo apresenta uma natureza indomada, ligada aos instintos e às atividades ao ar livre. Não se sente confortável nas cidades, costuma adotar uma postura de esquiva e reserva nestes ambientes, se sente pertencente às matas. Mesmo quando idosa mantém um corpo atlético e fortalecido para a prática esportiva, se nutre de energia física como energia vital, diferentemente de sua irmã Atená, que traz como força a energia do intelecto (Woolger e Woolger, 2007).

**Atená** potencializa os aspectos da vida moderna ligados ao intelecto, à ciência e à tecnologia. É considerada a deusa da sabedoria (Diniz, 2015). Atená traz aspectos masculinos e femininos, o que faz com que não precise de uma figura masculina para adquirir agressividade, racionalidade ou autoridade, e quando se permite uma relação afetiva, espera que seu par seja similar a ela no que diz respeito à independência emocional. Porém, o arquétipo também traz de maneira oculta uma

barreira de acesso à sua vulnerabilidade e ao encontro de sua personalidade feminina integral (Woolger e Woolger, 2007).

**Héstia** é uma deusa pouco abordada por alguns autores, é a irmã mais velha de Zeus, e é simbolizada pela lareira redonda. Seu arquétipo traz como centro a quietude e o silêncio interior, o que se denomina de encontro com o “eu” (Diniz, 2015).

O grupo de deusas vulneráveis mencionados por Diniz (2015) é composto pelas deusas Hera, Deméter e Perséfone, que representam respectivamente os arquétipos de esposa, mãe e filha. As características destes arquétipos são caracterizadas pela necessidade de vínculo e sintonia com o outro, orientação para relacionamento interpessoal como um recurso para atingir bem-estar. O termo vulnerável é contextualizado pelo fato de terem sido violadas de alguma forma por seus pares masculinos, e pelo fato de sua percepção ser difusa, apesar de não prejudicar a compreensão dos fatos.

**Hera** é uma deusa ligada aos valores patriarcais, representa a figura da matriarca. Seu arquétipo traz o poder de si mesma e a governança em relação ao companheirismo no casamento, nas relações duradouras e na integridade na relação com a comunidade. Hera administra a vida de esposa e mãe com a carreira e a prosperidade, não se permitindo submissões ao outro (Diniz, 2015).

**Deméter** apresenta características similares à Grande Mãe, representa a deusa da maternidade, rege a fertilidade, as plantações e as colheitas. Deméter cuida da proteção de crianças e seres em crescimento no geral. Seu aspecto desafiador é promover autocuidado e superar a tendência à dependência emocional do parceiro e dos filhos (Diniz, 2015).

Conforme Diniz (2015), **Perséfone** é a deusa do submundo, que permite a conexão com aspectos transpessoais, como o inconsciente mais profundo, os sonhos, a espiritualidade. Representa a transformação e as rupturas, através do mito de Coré - no qual ainda menina é raptada por Hades, o Senhor da Morte, e casa-se com ele, se tornando a rainha do submundo - traz o símbolo da individuação e da transformação da menina em mulher. Esta transição é possível quando a mulher consegue romper com os aspectos sombrios da psique, representada pelo mundo avernal (Woolger e Woolger, 2007).

A última categoria descrita no trabalho de Diniz (2015) é o grupo de deusas alquímicas, representada por **Afrodite**. Esta deusa traz a característica da mulher autônoma e independente, mas voltada a relacionar-se com o outro de forma receptiva à troca afetiva. Outras características são a valorização do processo criativo, da abertura às mudanças e transmutações pelas quais passa o humano.

**Afrodite** simboliza o amor voltado para as relações adultas, entre pessoas que apresentam maturidade e tenham deixado a posição infantil. Esta deusa auxilia as mulheres a se depararem com o outro como em sua real essência, desmontando relações pautadas em idealização. Afrodite favorece o estabelecimento de laços profundos e reais entre as pessoas. É conhecida como a deusa da beleza, potencializa o encontro com o belo de si mesmo e do outro, incentiva o desabrochar da criatividade e do autocuidado (Diniz, 2015).

O conjunto de características diversas e complementares presentes nos arquétipos das deusas permite estimular a criatividade e ampliar o repertório de recursos de enfrentamento. Esta jornada pode ser iniciada através da arteterapia rumo ao processo de individuação, que é constante e transformador à medida que se

depara com investimento afetivo e identificação com arquétipos que refletem atitudes viáveis ao enfrentamento do cotidiano.

### **Metodologia e resultados**

O público alvo deste estudo é um grupo de sete mulheres, com idades entre vinte e seis e cinquenta e quatro anos, encaminhadas por uma instituição do Terceiro Setor de um município do interior do Estado de São Paulo. É um grupo com a característica de violência sexual intrafamiliar e/ou extrafamiliar sofrida pelos filhos e um neto das participantes.

A metodologia interventiva se deu em encontros semanais com atividades de arteterapia relacionadas aos arquétipos das deusas. Cada técnica utilizada foi escolhida por apresentar relação direta com potencialidades atribuídas ao arquétipo de cada deusa. As produções que serão exibidas permitem realizar conexões acerca da técnica utilizada e sua relação simbólica, com base no referencial teórico de Diniz.

Diniz (2015) define Artémis como a guerreira destemida, que simboliza a independência em todos os seus aspectos, o culto à natureza, a não submissão nas relações e a atitude de enfrentamento ativa. Artémis com o arco e flecha representam a caça que empreende rumos aos seus sonhos. Para ativar o arquétipo desta deusa foi construído o instrumento de poder arco e flecha, com galhos secos, barbante, penas e tinta, ilustrado na figura 1.



Figura 1 - Arco e Flecha – Participante R1.

A atividade da figura 2 tem influência do arquétipo de Atena, que segundo Diniz (2015) representa uma deusa invulnerável, ou seja, que não aceita a submissão ao outro. É uma figura ligada à vida profissional e traz o aspecto racional que auxilia a obter foco e direcionamento. A atividade escolhida foi o “Olho de Deus”, uma mandala feita com palitos de madeira e lã. Simbolicamente, enquanto as pessoas tecem a mandala, o emaranhado de fios que se organiza para dar forma ao trabalho representa a organização interna emergindo.

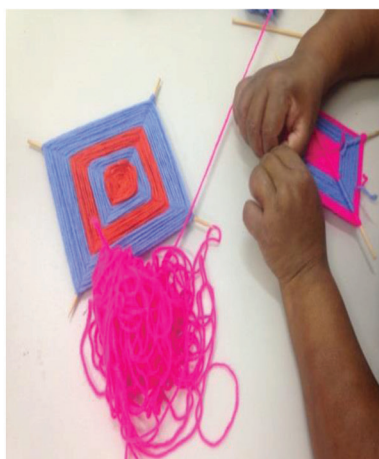


Figura 2 - Olho de Deus – Participante V1.

Hestia é definida por Diniz (2015) como a deusa mais velha, simbolizada pela solidão, ou seja, o estar sozinha consigo mesma. Este arquétipo é de grande relevância para intervenções que se proponham a fortalecer a introspecção e o aconchego de pertencer a si mesmo. Foi proposta atividade de construção do Santuário Interior de cada uma, simbolizando a auto referência como um fator de fortalecimento. A figura 3 ilustra um dos trabalhos produzidos. Os materiais utilizados foram reciclados, bola de isopor, papéis, argila e tinta.



Figura 3 - Santuário interior – Participante A1

A figura 4 ilustra a atividade de construção do Cedro de Hera, ou Bastão de poder. Os recursos utilizados foram palitos de madeira, cola, miçangas e papel laminado, além de impresso com características da deusa para contextualização do grupo sobre as características da deusa relevantes à atividade, como a conciliação da vida conjugal com a liberdade de decisões sobre aspectos pessoais e subjetivos. O objetivo esta atividade foi resgatar e fortalecer o poder de si mesma, conforme as palavras de Diniz (2015) em seu livro no arquétipo de Hera, como a esposa, que apesar de ter sido violada pelo marido através da traição, e de ser ligada às tradições e não romper com o patriarcado, consegue administrar a carreira e a individualidade,

ou seja, não permite que seja retirado o poder de si mesma. É uma das deusas que integra o grupo de deusas vulneráveis, modelo proposto por Diniz.



Figura 4 - Construção do Cedro. Todas as participantes da atividade.

Na figura 5, a atividade foi construir um presente a si próprio, em referência ao arquétipo da deusa Deméter. Conforme Diniz (2015) aponta em seu livro, Deméter é a figura da “grande mãe” e traz características como o cuidado com a terra, a colheita, os animais, os cônjuges e os filhos, porém a polaridade negativa da deusa aponta a dificuldade no cuidado de si mesma e a tendência a estabelecer relacionamentos cujo vínculo é simbiótico. Por isto, é uma das deusas nomeadas pela autora supracitada como vulneráveis. Na confecção da atividade foram fornecidos materiais como sucata, tecido, papel, papelão, canetas, tesoura, cola e estilete. O objetivo foi sensibilizar ao autocuidado como um fator relevante ao enfrentamento de obstáculos, respeitando os próprios limites e permitindo que se estabeleça uma relação afetiva da pessoa consigo mesma.



Figura 5 - Presente a si mesmo. Participante M1.

A figura 6 é da atividade de confecção de uma boneca, fundamentada na deusa Perséfone e o mito de Coré. A boneca escolhida foi a Abayomi – que significa “algo precioso” que as mães confeccionavam aos filhos nos navios negreiros. Utiliza-se de tecido de cor preta e retalhos coloridos e tesoura, é feita com nós, sem costura. A boneca simboliza a transição emocional da dependência para a independência emocional da menina com a mãe. Os autores Woolger e Woolger (2007) citam que este rito de transição é importante quanto ao posicionamento da mulher no que diz respeito às relações afetivas que irá vivenciar, ou seja, a autonomia emocional que passa a conquistar em relação à mãe também refletirá nos relacionamentos conjugais. Portanto, a atividade é uma ferramenta que ao mesmo tempo revive o aspecto Coré e propõe sua transição ao aspecto adulto do arquétipo desta deusa.



Figura 6 - Boneca Abayomi – participante S1

Afrodite é definida por Diniz (2015) como uma deusa Alquímica, isto significa que o arquétipo desta deusa aborda uma mulher fortalecida, que se comunica de forma assertiva nas relações interpessoais, valoriza o que é belo não no sentido meramente estético, mas no aspecto das potencialidades. Afrodite auxilia na comunicação adulta entre parceiros, na criatividade e na autoestima da mulher que se conecta ao seu arquétipo. Para esta deusa foi utilizada a atividade de decoração em espelho, ilustrada na figura 7. O intuito foi de repensar o olhar que se tem para as relações, para o potencial criativo e as expectativas. O material utilizado foi espelho, miçangas, papel camurça e cola quente.



Figura 7 - Decoração de Espelho – Participante S1.

Quanto aos resultados, Deméter favoreceu a identificação com o arquétipo materno, com isto as atividades desta deusa foram confortáveis ao grupo, com relação ao manuseio dos materiais e às vivências trazidas, exceto para M1. Esta participante sofreu violência sexual cometida pelo padrasto por uma década e teve uma filha com o agressor. Portanto, sua vulnerabilidade emocional com as figuras parentais permitiu que transparecesse a vivência do polo negativo de Deméter, ou seja, a dificuldade em promover seu autocuidado. Apesar do desconforto que sentiu com algumas atividades deste arquétipo, como por exemplo, o manuseio da argila, na atividade ilustrada neste artigo (Figura 5), pôde obter resultado satisfatório ao enfrentar o polo negativo de Deméter e sentiu satisfação e bem-estar ao criar algo para si. Verbalizou que sua produção ficaria na parede de seu quarto, como o primeiro objeto que fez para se presentear.

Hera possibilitou a introspecção acerca da atitude de não delegar ao outro o poder de decisão sobre a própria vida em paralelo à manutenção dos vínculos conjugais. Há destaque para a participante mais velha do grupo: lembrou que deixou de cultivar o jardim que tinha pelo fato de o marido ter colocado empecilhos e ter se mostrado queixoso quando ela se propunha a expandir sua rotina para atividades prazerosas para si mesma, como pintura em telas, etc. Outra participante mencionou no dia desta atividade que o marido pediu a ela que faltasse ao grupo naquele dia, mas não cedeu ao pedido e disse que o grupo a estava auxiliando a se manter mais calma e centrada no ambiente de trabalho.

A deusa Perséfone em seu aspecto Coré fez com que o grupo pudesse reviver a criança ferida de seus filhos vitimados e delas mesmas, representando a

complexidade que é fazer a separação psicológica da mãe, que permite maturidade no que Jung chama de processo de individuação. Há destaque para a participante mais velha do grupo, que também realizou as atividades de todo o processo arteterapêutico na presença da filha. Ao confeccionar a boneca (Figura 3), a participante interferiu o tempo todo no processo de criação da filha R1, o grupo percebeu e foi dito a ela sobre a dificuldade em deixar que a filha possa criar e existir livremente.

Através da atividade “Olho de Deus”, Atena foi simbolizada pelo recurso de organização interna representada pela organização dos fios que dariam forma à mandala criada. Em um primeiro momento esta atividade provocou ansiedade no grupo, diante do desafio de unir as linhas na criação da mandala, algo que parecia além das capacidades das participantes, porém ao obterem êxito, a atividade proporcionou entrega. Houve verbalização de uma participante de que a atividade contribuiu de forma terapêutica para o olhar que lançava sobre os problemas trazidos e a busca de alternativas, disse ainda que iria comprar o material para fazer mais mandalas em sua casa.

Afrodite despertou nas participantes sentimentos diversificados, como o desejo de promover autocuidado, conforme feedback da participante M1. Esta deusa também possibilitou que três participantes verbalizassem que haviam se deparado com a falta: o vazio no outro e em si mesmas. A falta provoca angústia, ao passo que instiga à reinvenção. A atividade com espelho foi uma intervenção direcionada a questionar a idealização nas relações de amor romântico que distanciam a construção de uma relação adulta possível com o outro real e não imaginado. O espelho que

recebeu enfeites e modificações também simboliza as mudanças que cada participante propõe diante da imagem refletida neste espelho.

Héstia possibilitou entrar em contato com a essência. O santuário interior foi representado por aspectos da natureza na maioria dos trabalhos feitos, as participantes atribuíram esta natureza ao bem-estar vivido em momentos que recordaram e que gostariam de resgatar.

Artémis se mostrou um desafio, pois o grupo trazia mais aspectos de identificação com as deusas vulneráveis. A aproximação com Artémis fez com que o grupo revivesse o parto, surgiram conteúdos de violência obstétrica e de doenças, como a osteoporose da participante mais velha. Artemis simbolizou os desafios de renascer e dos entraves para inserir características deste arquétipo em sua identidade e romperem com estereótipos de gênero relacionados à postura de submissão que as mulheres são incentivadas a adotar.

De modo geral, as deusas inicialmente foram percebidas como mulheres distantes da realidade em que vivem, porém, conforme entraram em contato com suas profundezas, foi possível que se identificassem com deusas gregas e com isto fossem além da demanda de busca de recursos ao enfrentamento da violência intrafamiliar: houve espaço para pensar no desejo de si mesmas, ainda que a realidade objetiva atual não seja proporcional ao lugar simbólico que se permitiram projetar e imaginar.

### **Considerações finais**

Atualmente, as mulheres são protagonistas de mitos em suas jornadas existenciais, se permitem fazer escolhas, tomam decisões, enfrentam situações

delicadas que envolvem privação, crueldade, carência afetiva, mas criam possibilidade de salvação, reagindo no presente e programando o futuro, conscientes de que são falíveis em meio às turbulências da vida, mas que são capazes de mudar o curso de suas histórias (Ribeiro, 2008).

A busca de fortalecimento da autoestima é um caminho viável diante da percepção da mulher sobre as relações interpessoais que a atravessam e pelas quais é atravessada, no intuito de simbolizar um lugar possível de descoberta de si mesma, da ampliação dos papéis para além da visão do patriarcado de que a maternidade e os cuidados com a casa e a família devem ser única e exclusivamente seu objetivo de vida.

É desafiadora a consolidação de uma autonomia emocional frente aos laços sociais que provocam culpabilização da mulher, que transcende e se depara com sua essência como um caminho possível, para além de uma satisfação que se limita ao âmbito da fantasia. Desta forma, a arteterapia é favorecedora para enfrentar tal desafio e auxiliar na elevação da autoestima das mulheres em situações de vulnerabilidade.

**Data de aceite 1º parecerista: 31.08.2019**

**Data de aceite 2º parecerista: 04.09.2019**

## **Referências bibliográficas**

ALMEIDA, E.O.S.; NOZAWA, T.N.; ROMERA, V.M. **Violência intrafamiliar contra a mulher: intervenções do Assistente Social.** Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/issue/view/34>>. Acesso em: 15 Jan. 2018.

ARAUJO, M.F. **Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação.** Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2008000300012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000300012)>. Acesso em: 02 Abr. 2018.

BERNARDO, P.P. **A Prática da Arteterapia: Correlações Entre Temas e Recursos** - Volume VI: amor, sexualidade, o sagrado e a arteterapia: aproximações mitológicas entre Oriente e Ocidente. 2 Ed. São Paulo: Arteterapinna, 2013.

DINIZ, L. (ORG). **Arteterapia e as Deusas: Vivenciando o Olimpo.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

PHILIPPINI, A. **Cartografias da coragem: Rotas em Arteterapia.** Rio de Janeiro: Pomar, 2013.

REIS, A.C. **Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo.** Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932014000100011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000100011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 10 Mai. 2018.

RIBEIRO, M. A. **As faces e o significado arquetípicos da deusa na vida e na arte.** Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/viewFile/1383/1053>. Acesso em: 13 Ago.2019.

WOOLGER, J.B.; WOOLGER, R.J. **A Deusa Interior: Um guia sobre os mitos femininos que moldam nossas vidas.** São Paulo: Editora Cultrix, 2007.